

As marcas da escrita retórica na *Primeira Carta Apologética em favor e defesa das mulheres*

Camila Machado Burgardt¹

Resumo: Gertrudes Margarida de Jesus, alijada do cânone literário do século XVIII, da memória crítica e das instâncias de legitimação, ainda é um nome esquecido que conta com ínfimo estudo. Este artigo visa à compreensão da produção literária da uma escritora portuguesa que, em 1761, publicou sua *Primeira carta apologética em favor e defesa das mulheres*, escrito que dialogava como resposta a uma outra epístola de autoria de um certo Irmão Amador do Dezengano. Nesse sentido, buscamos observar como Margarida de Jesus utilizou do enfoque literário e retórico como elementos afirmativos na sua argumentação, que inerentes a sua produção fazem toda a diferença na defesa pretendida, demonstrando a perspicácia de uma mulher erudita e refinada que operou com maestria em meio a um mundo dominado pela misoginia.

Palavras-chave: Gertrudes Margarida de Jesus; gênero epistolar; retórica; século XVIII.

Abstract: Gertrude Margaret of Jesus, jettisoned from the literary canon in the eighteenth century, from the critical memories and legitimacy instances, still is a forgotten name with tiny study. This article aims the understanding of the literary production of a Portuguese writer who, in 1761, published her *First apologetic letter in favor and defense of women* which dialogued in response to another letter written by a certain Brother Amador of Dezengano. In that sense, we seek to observe how Margarida de Jesus used her literary and rhetorical approaches as affirmative elements in her arguments, which inherent to her production make all the difference in the intended defense, demonstrating the acumen of a learned and refined woman who worked masterfully in half a world dominated by misogyny.

Keywords: Gertrudes Margarida de Jesus; epistolary genre; rhetoric; eighteenth century.

Introdução

O presente trabalho procura compreender determinado objeto – a *Primeira carta apologética em favor e defesa das mulheres*² (sic), de 1761, pensando um gênero específico, sob condições de produção particulares, escrito prestigiado em seu tempo, mas que foi apagado do cânone literário, da memória crítica e das instâncias de legitimação - lugares responsáveis pela propagação do nome de um autor e de seus escritos, colocando-o a margem

¹ Professora de Língua Portuguesa. Doutoranda pela Universidade Federal da Paraíba, email: camila.burgardt@hotmail.com

² Documento disponível online no site da Biblioteca Nacional de Portugal <http://purl.pt/22743/4/381557_PDF/381557_PDF_24-C-R0150/381557_0000_rosto-16_t24-C-R0150.pdf>. Acessado dia 01/10/2014.

da tradição literária. Ademais, pretendemos analisar essa epístola do século XVIII sob o enfoque retórico e literário inerentes a sua produção.

Procura-se não só resgatar um escrito conhecido à época de sua circulação, bem como um nome - Gertrudes Margarida de Jesus, autora dessa missiva e de uma *Segunda carta apologética em favor e defesa das mulheres (sic)*, também de 1761, epístolas que dialogam com o *Espelho crítico, no qual claramente se vem alguns defeitos das mulheres*³, de autoria de um certo Irmão Amador do Dezengano - folheto que, numa linguagem apaixonada e cáustica, apresenta uma lista de defeitos femininos que, segundo o autor, fariam das mulheres seres inferiores, menores em relação ao homem, considerado um ser perfeito por natureza. Nesse sentido, segundo Delumeau (1989), Margarida de Jesus escreveu em uma época em que as mulheres ainda eram consideradas os agentes de satã, motivo de temor, ser desprezível e responsável por todo o sofrimento da queda do homem do paraíso, do Éden divino, logo,

[...] santo Tomás de Aquino não inovou ao ensinar por sua vez que a mulher foi criada mais imperfeita que o homem, mesmo quanto à sua alma e que deve obedecer-lhe 'porque naturalmente no homem abundam mais o discernimento e a razão'. Mas aos argumentos teológicos ele acrescentou, para equilibrar, o peso da ciência aristotélica: só o homem desempenha um papel positivo na geração, sendo a mulher apenas receptáculo. Não há verdadeiramente senão um único sexo, o masculino. *A mulher é um macho deficiente.* (DELUMEAU, 1989, p. 317, grifos meus)

Podemos observar que a mulher era um ser marcado e estigmatizado pela literatura religiosa, em que pregadores exploravam e espalhavam amplamente com a ajuda do jogo oratório um ensinamento já estabelecido ao longo dos séculos por doutas obras, mas também pela jurídica, pois como ser inferior e deficiente deve manter-se sob a tutela do homem, considerado mais perfeito em sua razão e mais forte em sua virtude.

Nesse contexto dominado pela supremacia masculina, as cartas de G. M. de Jesus e do irmão Amador Desengano circularam como folhetos de cordel. Também é interessante observar que, de modo geral, os autores dos folhetos eram normalmente omitidos, mesmo assim é significativo que, mesmo quando a folha volante assinala o nome do autor, continua sendo difícil estabelecer a biografia de personagens quase anônimos, o que novamente pode ser um reflexo da marginalidade do suporte de circulação dessas cartas.

Segundo Ruiz (2010), é difícil estabelecer a biografia de alguns autores responsáveis pela circulação das diversas folhas volantes que circularam naquele momento, mesmo do

³ Documento disponível online no site da Biblioteca Nacional de Portugal <<http://purl.pt/index/livro/aut/PT/1155764.html>>. Acessado dia 01/10/2014.

gênero epistolar, às vezes sérias, às vezes jocosas, das muitas disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal. Isso também pode ser levado em conta no caso de Gertrudes M. de Jesus, pois:

Pouco tem sido publicado a respeito da biografia das autoras de tais discursos, o que não diminui o interesse que eles podem despertar, ao contrário, agudiza a forma como são lidos, na medida em que as respostas desejadas pelo leitor ficam circunscritas à interlocução com as folhas de papel: não há dados biográficos para completarem o raciocínio, embasando as conclusões do leitor. Gertrudes Margarida de Jesus [...] Não sabemos ao certo se ela foi uma religiosa, se uma esposa, se optara por um pseudônimo, apenas podemos afirmar que era dona de uma cultura elevada. Fazia citações em latim, conhecia a bíblia, lia obras francesas publicadas na época dela e no idioma original francês. (RUIZ, 2010, p. 149)

Também existem dificuldades na identificação do autor do *Espelho crítico*, no qual *claramente se vem alguns defeitos das Mulheres*, carta assinada por um certo irmão Amador Desengano, provavelmente um pseudônimo, mas pode ser que naquele momento os autores, bem como seus pseudônimos, fossem conhecidos dos leitores ou, talvez, esse gênero considerado menor – as folhas volantes⁴ – não tinham necessidade de um autor identificado para que seus escritos fossem lidos e comentados. O pesquisador português Feijó (2005) analisou o debate *Espelho crítico – Cartas apologéticas*, principalmente pesquisando o referencial ou as possíveis leituras realizadas para confecção das missivas apologéticas, e afirma que a falta de informações sobre a autora Gertrudes M. de Jesus, bem como sobre o Amador Desengano, pode levar a pensar no recurso do anonimato, artifício frequente na época, pois:

Mesmo nom me parece ousado pensar em que há umha certa cumplicidade entre Frei Amador e Gertrudes, se interpretarmos a polémica como um artifício em que o *Espelho* actuaria como um acúmulo de objecçõs a que as *Cartas* dariam cumprida resposta (isto se o autor/a autora de um e outro nom é a mesma pessoa...) (FEIJÓ, 2005, p. 251-252, grifos do autor)

A carta em questão, que circulou através de folhetos volantes, é um modo de escrita que data da antiguidade e que, ainda naquele momento, era tido como gênero literário e retórico, como bem nos informa o cônego Fernandes Pinheiro em seu *Curso Elementar de*

⁴ As folhas volantes portuguesas surgiram, segundo Sousa (2007), no século XVI junto com o jornalismo português. Eram folhas ocasionais noticiosas, que surgiram na Europa no século XV estando na gênese do jornalismo moderno, podendo ser “Legais ou clandestinas, por vezes revolucionárias, elas perduraram até ao parecimento do jornalismo industrial no século XIX e mesmo até à actualidade, se considerarmos os livros-reportagem.” (SOUSA, 2007, p. 01)

Literatura Nacional, de 1862, em que ao discorrer sobre a epistolografia assinala que “Constituí o gênero epistolar pela universalidade dos assuntos que pode abranger verdadeira pedra de toque do talento do escritor. Não ha quem não faça uma carta; poucos porém sabem conservar-se no justo meio que lhe é prescrito pelo bom gosto.” (PINHEIRO, 1862, p. 137)

Observa-se que o gênero epistolar retórico e literário pela sua definição apresenta um caráter dinâmico e versátil que se molda as mais diferentes situações e contextos, nesse sentido, nota-se que Barbosa (2011) afirma ser a carta um dos gêneros fundadores da escrita em jornais e periódicos. Essa escrita contava com manuais, ou mesmo tratados de retórica, que surgiram para regular a função secular de comunicação à distância que as cartas exerciam há muito tempo, e regulavam a forma mais ou menos estável do gênero que circulou com grande prestígio até fins do século XIX.

Nesse sentido, pode-se observar que a carta apologética era um tipo de missiva prevista nos manuais, como se pode observar no “Novo Secretário Português ou Código Epistolar - Contendo regras e advertências para escrever com elegância toda a sorte de cartas acompanhadas de modelos sobre todos os assuntos extraídos dos melhores escritores antigos e modernos nacionais e estrangeiros”, já na sua terceira edição (1860) “consideravelmente aumentada e corrigida”, de autoria do Padre José Inácio Roquette, escrito em que prevê quando e como essas cartas devem ser escritas. O que pode ser conferido abaixo:

O sagrado dever que nos manda fazer acções boas para merecermos a estima de nossos semelhantes dá-nos tambem o direito de zelarmos a nossa honra, e defendermos a nossa reputação quando por alguem for injustamente atacada. Neste direito se fundão as cartas apologeticas que em propria defesa dirigimos ao escritor publico, ou a outra qualquer pessoa que de palavra ou por escrito fallou em nosso desabono, ou nos imputou acções que não fizemos, e por quem foi mal julgada nossa conducta ou menoscabada nossa reputação.

Trez cousas é necessario ter em vistas para bem escrever estas cartas: 1º deixar passar o primeiro assomo da paixão, reflectir a sangue frio sobre o caso, e amadurecer socegradamente o que havemos de dizer : 2º não empregar por modo nenhum declamações vagas, e ainda menos invectivas, mas só razões e factos bem ordenados e concluentes; 3º usar de linguagem grave, moderada, não satyrica, nobre e urbana, fazendo sentir a nosso adversario o peso de nossos argumentos sem pretender doestál-o, antes suppondo que fôra mal informado, e não o fizera por malicia. (ROQUETTE, 1860, p. 346-347, *sic*)

Segundo Feijó (2005), a fórmula da carta apologética baseia-se na confluência de dois modelos de diferentes classes – primeiro como um formato e uma estratégia comunicativa importante na época e, segundo, como um procedimento de persuasão e de defesa amparado

em regras codificadas de acordo com modelos retóricos. Assim, é nesse período que as cartas se apresentam como “[...] documento de intervenção e reflexões públicas e, com ele, o particular das epístolas apologéticas, entendidas como textos que visam a defesa de uma determinada ideia ou doutrina, e/ou a refutação da contrária, de regra, pois, num contexto polêmico.” (FEIJÓ, 2005, p. 229).

Observa-se que os autores usaram de um gênero –carta– e de um subgênero específico –epidítico– que, nutridos do dispositivo retórico inerente a esses escritos, constituíram um modo e uma fórmula exemplar para esse tipo de debate de acusação e defesa dos sexos que atuou de forma modelar e mesmo como mais um artifício na busca da persuasão do público leitor. A *Primeira carta apologética em favor e defesa das mulheres*, objeto desse estudo, foi pensada a partir dessa estrutura modelar, conveniente e eficaz que seguiam à época de sua escrita.

A carta e suas considerações retórico-argumentativas – breve análise

Na abertura da *Primeira carta apologética em favor e defesa das mulheres*, a autora estabelece uma clara relação metafórica da mulher à formiga e do homem ao leão, afirmando que mesmo o mais humilde e desprezado dos animais reage quando está prestes a ser esmagado: “Trilha o arrogante leão a humilde formiga, esta logo abrindo a garra, com ela imagina-se despicar-se.” (JESUS, 1761, p. 04) A metáfora confere traços comuns a dois significados que coexistem, conferindo concretude a uma ideia abstrata, aumentando a intensidade do sentido pretendido, enquanto um valor argumentativo mais forte.

Ao mesmo tempo, ao relacionar a mulher à formiga, a autora confere destaque à característica da humildade, mais uma série de outros predicados que, implicitamente e sutilmente, podem ser associados pelo público leitor a esse pequeno animal como, por exemplo, elas são sempre associadas ao trabalho, ou seja, ela é o tempo todo produtiva, e em grupo não conseguimos observar um líder, todas são empenhadas no trabalho e, por fim, nas fábulas, gênero bem conhecido à época, esse é tido como um animal trabalhador, responsável e companheiro.

As características benévolas acima, por consequência, também são associadas às mulheres, enquanto os homens são associados aos predicados do leão, animal geralmente tido como rei da selva, mas também relacionado a ferocidade, a violência e a agressividade, que costuma ganhar suas contendas pela força e não pela razão. Na sequência, Gertrudes M. de Jesus já observa o modelo a ser adotado na escrita da missiva – “Se as ofensas, que V. C. incita nos defeitos que quer mostrar na lente do seu *Espelho Crítico*, dissessem só respeito a

minha pessoa, [...] mas como são em desabono de todo o meu sexo, indispensavelmente me vejo precisada a defendê-lo.” (JESUS, 1761, p. 03). Nesse sentido, os preceitos estabelecidos para esse tipo de escrito por Roquette (1860), vistos anteriormente, justifica e legitima plenamente a resposta dada pela autora pelo “[...] direito de zelarmos a nossa honra, e defendermos a nossa reputação quando por alguém for injustamente atacada.” (ROQUETTE, 1860, p. 346, *sic*).

A seguir, o recurso utilizado pela autora se dá com o uso do apólogo: “Eu me explico com o apólogo que sucedeu ao cordeirinho com o lobo” (JESUS, 1761, p. 04), gênero alegórico, muito conhecido naquele momento que, de modo geral, ilustra um ensinamento sobre a vida com situações semelhantes às reais. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes e Silva, apólogo é uma “[...] fábula moral, em que se introduzem irracionais ou coisas insensíveis e para dela se tirar alguma moralidade.” (MORAES E SILVA, 1823, p. 164, *sic*). Moisés (1999) também afirma que os apólogos costumam atingir os conceitos humanos de forma que os modifique ou reforme, ou seja, os exemplos são utilizados para ajudar a modificar conceitos e comportamentos humanos. A autora usa de uma narrativa, provavelmente conhecida à época para exemplificar melhor seu ponto de vista, era a história entre um cordeiro e um lobo em que ambos os animais tinham estabelecido uma trégua, mas antes de seu término estando os dois a beber em um regato desejava o lobo encontrar ocasião contra o cordeiro, como não a encontrou pela razão achou-a na força devorando o pobre cordeiro.

A autora, novamente, estabelece uma clara relação entre a pequena narrativa e o *Espelho crítico do frei Amador*, uma vez que ambos “[...] buscam o crime na inocência e, como o não acham, arrebatam por força o que não podem levar pela razão.” (JESUS, 1761, p. 04). Observa-se que a contestação ou a defesa da carta baseia-se na deslegitimação da opinião dos homens, sustentada na força, conveniência e subjetividade.

A partir desse momento, através de um humor irônico e requintado, a autora usa da erudição como um poderoso recurso de argumentação, acumulando, em repetição, uma série de provas e de contra argumentações a favor das mulheres. A principal alegação da carta baseia-se na *refutatio*, enquanto um modo de impugnar as provas e os argumentos do adversário - Dezengano, na ideia de que os homens atacam as mulheres por não serem correspondidos em seus desejos, acabam movidos pelo sentimento da vingança “[...] há homem tão malévolos que diz que uma mulher não é boa, só porque ela não quis ser má; e

assim desafoga sua execranda paixão em atrozes vinganças, abomináveis impropérios [...]” (JESUS, 1761, p. 06), e oferece como exemplo o caso da holandesa Madame Duglás⁵.

Novamente a autora cita novo apólogo, gênero reconhecidamente didático, agora a narrativa entre um homem e um leão: que disputavam entre si para descobrir qual espécie era a dominante. Estando ambos numa fonte em que havia figuras de mármore o homem mostra a imagem de um homem despedaçando um leão e se vangloria pelo fato, mas o leão refuta afirmando que se fosse um de sua espécie que tivesse fabricado a imagem a história seria diferente. Observa-se o claro objetivo de atingir um ensinamento, ou seja, a história é sempre subjetiva e depende dos anseios e desejos de seus protagonistas: “Agora aplique V. C. a moralidade que está bem clara” (JESUS, 1761, p. 07). Essa frase de efeito moral, mais um artifício retórico clássico, tem por função chamar a atenção do leitor, servindo como um ponto de reflexão para o leitor, como um discurso verdadeiro e sábio, o que acentua a sabedoria e a instrução da autora.

Continuando na carta, a autora passa a rebater dois dos três defeitos apontados pelo frei Amador em seu Espelho crítico – ignorância e inconstância – deixando a formosura para responder em outro momento, na *Segunda carta apologética em favor e defesa das mulheres*. O primeiro defeito, a ignorância, é prontamente justificada pela falta de acesso das mulheres a educação, o que pode ser conferido no trecho abaixo:

Não quero (Caríssimo irmão) lembrar a V. C. a nenhuma freqüência que as mulheres têm das Cortes, das Aulas e das Universidades, que é aonde se avultam as letras e apuram os engenhos, cousa que sendo aos homens tão frequente, é raríssimo aquele que admira. De mil que frequentam as Aulas e as Universidades apenas se encontra um, ou outro que faça admiração aos mais; quando certamente me persuado que, se às mulheres fosse permitida esta liberdade, seria a maior parte delas sapientíssimas [sic]; pois vemos terem havido muitas de tão alta compreensão e engenho que, ainda sem Mestres e sem exercício, têm feito admiráveis progressos, assim nas letras, como nas manufacturas. E para que se não duvide deste acerto, eu exponho algumas, entre as muitas que podem abonar esta verdade. Ora vá ouvindo. (JESUS, 1761, p. 07)

Nota-se a ironia da construção, pois mesmo a mulher não tendo participação nos ambientes propícios ao estudo, naquele momento, ainda surgem algumas mulheres de talento e, assim, passa a enumerá-las, de forma gradativa, conferindo uma intensificação maior de sentido através da dissimulação da enunciadora, que ao começar a enumerar as mulheres

⁵ Segundo Ruiz (2009), essa senhora também é citada como exemplo por Benito Jerónimo Feijoo (1676-1764) em seu ensaio “Defensa de las mujeres”, mas como uma irlandesa, no capítulo XVI de seu *Teatro crítico de errores comunes* (1726-1740).

sábias ou de valor coloca em relevo a impertinência predicativa do enunciado. Nessa ironia requintada, sutilmente a própria autora surge como um *exempla* maior, uma vez que ela demonstra ser uma mulher culta, que domina um modelo de escrita legitimado como masculino, seguindo as regras canonizadas do modelo, linguisticamente atuando melhor que o próprio autor do *Espelho crítico*, conhecedora de autoridades centrais para esse debate.

Ambos servem-se do uso de muitos autores e personalidades, mas a carta do *Espelho crítico* utiliza, de modo geral, somente exemplos e autores clássicos, enquanto Gertrudes abrange diferentes nomes e autoridades de diversos momentos históricos, ao recorrer a personagens mais recentes no tempo e, de certo modo, mais inovadores ela enriquece a argumentação de suas ideias e mostra-se culturalmente superior ao suposto frei Amador. Em outro ponto Gertrudes se coloca novamente como intelectualmente superior ao seu detrator, pois ao dissertar sobre um livro italiano que bendiz o sexo feminino, termina – “Peço a V.C. o queira ver e, se o não tem, como me persuado, eu lho remeterei, que o tenho em meu poder, e se ignora o idioma italiano em que ela o escreveu, procure-me que eu lho farei entender.” (JESUS, 1761, p. 09), afirmando primeiro possuir o livro, o que demonstra não só um alto nível cultural, mas também financeiro, uma vez que o livro ainda era um objeto caro nesse momento, demonstrando amplo conhecimento de História e outra qualidade intelectual - fluente em italiano.

Segundo Feijó (2005), ao escrever essa missiva a autora opera uma tripla transgressão naquele momento: primeiro ela usa um espaço público; segundo, entra numa matéria intelectual, incomum às mulheres daquela época, uma vez que a escrita feminina era, em primeira instância, considerada menor em relação a escrita masculina; bem como, por fim, como dito anteriormente, utiliza um modelo de escrita legitimado como masculino a seu favor e ainda o faz com maestria.

Terminando o primeiro defeito – a ignorância – a autora coloca novas provas de sua instrução ao relacionar obras em que o frei Amador pode conferir as informações fornecidas por ela: “[...] pois se quer achar de tudo isto a verdade consulte a Monsieur Abade Ladvoat (Autor de toda a veneração e verdade) no seu *Dicionário histórico* e nele não só achará as de que faço menção, mas muitas mais que, por não fazer-me fastidiosa, omito.” (JESUS, 1761, p. 09). Nesse trecho, ao colocar a indicação “Autor de toda a veneração e verdade” entre parênteses no texto confere nova legitimidade ao livro por ela citado, dispensando qualquer defesa do autor ou da obra e, ao mesmo tempo, encerrando a questão definitivamente a respeito de seus exemplos.

O segundo e último defeito analisado por Gertrudes nessa primeira epístola – a inconstância – começa demarcando um posicionamento e, ao mesmo tempo, reafirmando uma postura, pois ela afirma que essa particularidade não é inerente as mulheres, como “[...] se não achasse em muitos homens!”, mas que essa ideia se encontra fundamentada, principalmente, na “perversidade dos homens” (JESUS, 1761, p. 11). Continuando, ela não compartilha dessa perversidade e, nessa missiva, busca apenas se defender e não ofender, de modo que demonstra superioridade moral e, novamente, intelectual sobre seu adversário.

Esse defeito é justificado pelo frei Amador Desengano com um exemplo, segundo ele defendido por “bons autores”, que conta a história de uma viúva que, dispôs-se sobre a cova do marido e ali já jejuava havia quatro dias, mas naquele mesmo lugar um guarda vigiava os cadáveres de alguns malfeitores para que não fossem retirados da forca. Penalizado, um guarda instou para com a viúva para que ela comesse, a viúva resistiu por um tempo, mas logo cedeu, logo depois também cedeu as investidas do guarda, quando este, aflito, notou que haviam retirado o cadáver da forca veio se queixar junto a mulher que prontamente ofereceu o cadáver do esposo para colocar no lugar do corpo do malfeitor. Ao que o frei afirma – “Notável inconstância do coração de uma mulher, mais variável do que parece possível! Nem o vento muda com tanta facilidade a folha de uma planta.” (DEZENEGANO, 1761 *apud* RUIZ, 2009, p. 77).

Para refutar esse argumento, Gertrudes M. de Jesus utiliza do exemplo da “[...] infanta de Hungria D. Isabel (irmã de D. Violante, avó da nossa Santa Isabel Rainha de Portugal)” (JESUS, 1761, p. 12), que viúva do casamento com Ludovico Landgrave da Ásia e Turíngia foi tamanha a sua constância no amor ao falecido que a todos da corte surpreendeu. Além disso, ela cita outros nomes, como “[...] uma Mariane; uma Natália; uma Cristina; não faço menção das Semiramis, das Zenobias; das Arrias; das Tomiris e Artemisas e de outras muitas que a referir todas nunca acabaria [...]” (JESUS, 1761, p. 12).

Prosseguindo, a autora da *Carta apologética* contesta outro exemplo do *Espelho crítico*, a propósito de que o sábio grego Pitágoras daria uma filha sua em casamento ao seu inimigo, inferindo que agiria assim como uma grande vingança, como se pode observar - “[...] Não se admirem; pois por isso mesmo que ele era meu inimigo, é que lha dei: pois fico certo que me não podia vingar melhor, nem meter-lhe em casa maior ruína, pois não pode haver para um homem maior flagelo que uma mulher.” (DEZENEGANO, 1761 *apud* RUIZ, 2009, p. 75). Gertrudes afirma que estando o filósofo nos últimos dias da sua vida, entregou todos os seus escritos a sua filha Damo e pediu-lhe que jamais eles fossem publicados, mesmo vendo-se na mais adversa situação financeira e de posse daqueles escritos valiosos, ela obedeceu

provando-se constante a promessa que fez ao pai. Observa-se, segundo Feijó (2005), que a autora inverte os pressupostos de seu oponente, mas, ao mesmo tempo, esse recurso demonstra o intenso diálogo entre as epístolas.

Observa-se que a autora da *Carta apologética* utiliza do recurso da argumentação por excesso, pois o escrito enfatiza este processo retórico acumulativo, em repetição, intensificando os exemplos favoráveis ao caráter feminino, mas essa argumentação é planejada e se dá sobre a base da lógica. Esse pressuposto abrange a aplicação da justiça e da argumentação pela reciprocidade das premissas, que se baseia numa conduta justa em situações idênticas para todos os indivíduos e a assimilação de pessoas ou situações a tratamento igualitário. É o que a autora da carta defende para as mulheres com relação à educação, o que causa um efeito surpresa, logo, retórico, pois “nos faz refletir sobre a estranheza de nossos próprios costumes, ainda que os consideremos normais por estarmos habituados a eles” (PERELMAN & TYTECA, 1996, p 85). Este efeito é constatado, perante a surpresa da quantidade de mulheres talentosas reveladas pela autora que mesmo sem mestres conseguiram se destacar no mundo letrado e cultural, predominante e legitimado como masculino.

Um ponto retórico interessante de se perceber é a construção da *persona* feminina ao longo da carta, que passa a ser elaborada através da similaridade entre os exemplos pela autora mencionados, de modo a formular um conceito de mulher uno que integra todas as qualidades do sexo feminino, transformando a mulher, enquanto sujeito individual, em uma personagem grupal ou coletiva, representante de toda uma classe, numa inclusão que toma o exemplo pelo todo, mesmo que, em termos lógicos não possam ser comparadas pela disparidade de suas naturezas, com seus diferentes atributos.

Outra característica retórica importante para se observar é a topicalização enquanto estruturas temáticas constantes ou lugares-comuns pertencentes à tradição histórica e literária e que constituem “[...] um raciocínio baseado no argumento da autoridade que essas estruturas irradiam à personagem, pelo peso do renome e da tradição dos autores ou do prestígio das estruturas empregues” (VIEIRA, 2008, p. 158). No caso do debate *Espelho crítico – Cartas apologéticas*, nota-se, como também era comum naquele momento em outros escritos que dissertavam sobre a condição feminina, uma certa continuidade nos assuntos de que tratavam, temas que já eram conhecidos e difundidos quando se tratavam do belo sexo, da mulher, como a questão da ignorância, neste caso caberia a mulher somente o conhecimento necessário para cuidar da família e dos afazeres domésticos; da inconstância de suas ações, pois nela não se pode confiar; ou, também, da beleza feminina como uma artimanha para dominação dos

homens, que se encontra lado a lado com a sexualidade desonrada (DELUMEAU, 1989). Todos esses fatores sempre se apresentavam como um modo misógino de falar sobre a mulher, um paradigma firmado na tradição e já bem conhecido do público-leitor.

Em sua *Carta apologética*, Gertrudes luta contra esse armazém temático misógino na defesa do gênero feminino, refutando e, algumas vezes, invertendo os argumentos através de uma grande galeria de exemplos de nomes femininos de talento. Essa inversão operada, por exemplo, com a história de Pitágoras e sua filha, oferecida por Dezengano, é reelaborada com Gertrudes, que produz uma relação de respeito e constância da filha para com o pai ratificada mesmo nas mais difíceis circunstâncias.

Já com relação ao *ethos*, entendido como “[...] à impressão que o orador dá de si mesmo.” (PERELMAN & TYTECA, 1996, p. 363), dentro do contexto do discurso, observa-se que a autora, Gertrudes, como vimos anteriormente, se apresenta como um exemplo do tipo de mulher talentosa a que ela se refere ao longo de toda a sua carta. De modo velado, dissimulado, sem auto-elogios ela se porta de modo exemplar, como um *exempla*, isto é, mais uma poderosa arma do discurso retórico, recurso de prova e de amplificação da prática discursiva, especialmente importante no gênero demonstrativo ou epidítico, gênero de causa tradicional da retórica em que se encaixam as cartas apologéticas, que a ajudou na construção do papel de modelo a ser seguido – com finalidade moralizante, com relação ao pensamento que destratava a mulher naquela época, mas também se apresentando como um objeto didático – já que ela ensina.

Outro ponto a ser observado na construção discursiva de Gertrudes é a sua escrita muito próxima ou mesmo voltada para a fala, o que faz lembrar o antigo objeto da retórica – “[...] a arte de falar em público de modo persuasivo” (PERELMAN & TYTECA, 1996, p. 06), com o intuito claro de obter a adesão do público ouvinte a tese apresentada. Nesse caso, os efeitos da argumentação nessa carta, de acordo com o seu gênero epidítico, são aqui levados em consideração na junção entre elementos sobre o entendimento, mas também sobre a vontade enquanto constituintes dos sujeitos. A argumentação nos seus efeitos práticos, em que se propõe provocar uma ação ou preparar para ela, assim:

[...] a argumentação do discurso epidítico se propõe aumentar a intensidade da adesão a certos valores, sobre os quais não pairam dúvidas quando considerados isoladamente, mas que, não obstante, poderiam não prevalecer contra outros valores que viessem a entrar em conflito com eles. O orador procura criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório, valendo-se do conjunto de meios de que a retórica dispõe para amplificar e valorizar. (PERELMAN & TYTECA, 1996, p. 56)

É nesse entendimento que a autora busca criar laços com o leitor, seja através de sua eloquência, de seus exemplos ou de sua escrita mais próxima da oralidade, valendo-se do conjunto de meios de que a retórica dispõe para aumentar e enriquecer seus argumentos. Também é nesse gênero que, por excelência, o orador/autor se faz educador, como Gertrudes, que claramente mostra suas qualificações no uso e no manejo da palavra escrita, pois a autora maneja a arte ou a técnica retórica enquanto um arsenal bélico voltado para o convencimento de seus leitores.

A carta de Gertrudes M. de Jesus surgiu como resposta à provocação do frei Dezengano após três meses da publicação desta e parece que obteve sucesso, uma vez que foi publicada com todas as licenças necessárias na época, o que significa que a carta foi avaliada por um sistema tríplice de censura que se repartia entre o Ordinário (juizes eclesiásticos ligados a diocese), o Tribunal do Santo Ofício (organismo ligado a Igreja) e o Desembargo do Paço (órgão censor ligado ao poder régio). Um escrito aprovado por esses órgãos significava que o documento não ofendia nem a Igreja e nem ao sistema de governo, nesse caso, a Monarquia do déspota esclarecido D. José (reinou de 1750-1777), marcado sobretudo pelas medidas do Marquês de Pombal (FEIJÓ, 2005; ABREU, 2008). Essas licenças são interessantes de se observar, uma vez que a carta de Gertrudes vem, exatamente, rebater todo um aparato doutrinário defendido primeiramente pela Instituição da igreja.

Portanto, observa-se não só a escrita regrada e secular da escrita epistolar e retórica, artefato primordial da carta apologética, agradou aos censores, mas que o seu tema – a defesa das mulheres - também não foi ignorado e recebeu as ‘bênçãos’ da Igreja para a sua publicação. Provavelmente essa aprovação da censura da época motivou ainda mais a escrita da *Segunda carta apologética*, que finalizou o debate *Espelho crítico-carta apologética*, travado entre esses dois nomes ainda desconhecidos dos pesquisadores.

Considerações finais

Um gênero tradicional da retórica clássica - epidítico, um gênero secular e retórico – a carta e, por fim, um tipo específico de carta prevista nos manuais – a apologética, a escolha da escrita desse tipo de texto oferece ao seu autor os elementos necessários para a obtenção do êxito, ou seja, do convencimento dos leitores e da adesão deles a tese apresentada. A seleção desse modelo e da execução dele que se observou na análise anterior deixa claro que seu autor/autora era uma pessoa não só letrada, mas culta e refinada.

Ainda que Gertrudes Margarida de Jesus pareça soar como uma voz perdida em um mundo dominado pela misoginia, a sua carta surge como um convite ao leitor para apreciar mais de perto seu intelecto feminino, a manejar com astúcia as armas da retórica. Dona de uma refutação inteligente, ela operou selecionando argumentos precisos para contestar as acusações masculinas, condenando a violência utilizada pelo seu adversário, assumindo-se como um ser capaz de ter opinião, oferecendo inquestionáveis mostras de técnica retórica, de raciocínio e de coragem em um mundo monopolizado e legitimado pela dominação dos homens. Ergue-se mais uma voz feminina em defesa de seu sexo, enquanto as mulheres, em sua maioria, ainda mantinham-se presas ao mundo doméstico, analfabetas e impotentes perante a preponderância masculina.

Com tudo isso, podemos observar que a eleição da razão como a principal arma para a defesa foi determinante na escrita dessa epístola, pois os argumentos utilizados pela autora nos conduzem ao conhecimento da verdade, por meio de deduções lógicas, e do desenvolvimento das provas, mostrando-se superior intelectualmente.

Referências

ABREU, Marcia. O 'mundo literário' e a 'Nacional literatura': leitura de romances e censura. In: ABREU, Marcia (Org.) *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 275-306.

BARBOSA, Socorro de Fátima P. A escrita epistolar como prosa de ficção: as cartas do jornalista Miguel Lopes do Sacramento Gama. In: *Revista Desenredo*. Revista do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo V. 7. N. 2 – p. 331-344 - jul./dez. 2011. [on-line]. Disponível em <<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/2406/1559>>. Acesso em 11/02/2013.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DESENGANO, Amador do. *Espelho critico, no qual claramente se vem alguns defeitos das Mulheres, fabricado na loja da verdade pelo Irmão Amador do Desengano, 'que pôde servir de estímulo para a reforma dos mesmos defeitos'*. Lisboa : Off. De António Vicente da Silva, 1761. 14 pp.

FEIJÓ, Elias J. Torres. Cartas apologéticas, cartas polemistas. As cartas apologéticas de Gertrudes Margarida de Jesus. Argumentação e inovação. In: ANASTACIO, Vanda. (Org.). *Correspondências* (usos da carta no século XVIII). Lisboa: Edições Colibri, 2005. p. 223-253.

JESUS, Gertrudes Margarida de. *Primeira carta apologetica, em favor e defesa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Dezengano, 'com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico'*. Lisboa : Off. De Francisco Borges de Sousa, 1761. 14 pp.

_____. *Segunda carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres, escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, ao Irmão Amador do Dezengano, 'com a qual destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico. E se responde ao terceiro defeito, que nelle contemplou'*. Lisboa : Off. de Francisco Borges de Sousa, 1761. 14 pp.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.

MORAIS E SILVA, Antonio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Tomo I. Lisboa: Typ. de M. P. de Lacerda, 1823.

PERELMAN, Chaim. & TYTECA, Lucie Olbrechts. *Tratado da Argumentação a Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1862.

ROQUETTE, José Inácio. *Novo Secretario Português ou Código Epistolar*. 3ª Ed. Pariz: Vª. J.-P. Aillaud, Monlon e Cª, 1860.

RUIZ, Betina dos Santos. *A retórica da mulher em polémicas de folhetos de cordel do século XVIII: os discursos apologéticos de Paula da Graça, Gertrudes Margarida de Jesus, L.D.P.G. e outros nomes (quase) anônimos*. 2009, 101f. Mestrado (Dissertação em Literatura). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Lisboa. 2009.

_____. *Matrizes para um estudo da literatura feminina: uma literatura comparativa de Sórora Mariana Alcoforado e Sor Juana Inés de La Cruz*. 2010, 215f. Mestrado (Dissertação em Literatura) – Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. *A "Relação da Muito Notável Perda do Galeão Grande São João" e a génese do jornalismo lusófono*. Biblioteca online de Ciências da Comunicação, 2007. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-jornalismo-lusofono.pdf>>. Acesso em 20/12/2014.

VIEIRA, Cristina Maria da Costa. *A construção da personagem romanesca: processos definidores*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.